

Apresentação

Ana Cláudia Munari Domingos

Universidade de Santa Cruz do Sul – Brasil

Luiz Antonio de Assis Brasil

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – Brasil

Natalia Borges Polessso

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – Brasil

Ao tecer aproximação entre o gesto da escrita literária e a teoria crítica de seus processos, a tradução, a educação literária e também outros campos do conhecimento, a escrita criativa permite observar a literatura como resultado de escolhas e ausências, experimentações, impasses e relações com diferentes arquivos e experiências. É nesse horizonte que se situa o dossiê Escrita Criativa – teoria e processos. Os trabalhos aqui reunidos interrogam como narrativas, poemas, cartas, traduções, performances e textos de não ficção são tecidos. Em vez de separar criação e reflexão, mostram que o pensamento sobre a escrita pode participar do próprio ato criador e que a prática literária, por sua vez, produz também questões teóricas. Memória e ficção, planejamento e acaso, documento e fabulação, leitura e composição, ética e estética aparecem menos como pares excludentes do que como tensões constitutivas de processos sempre móveis.

Essa perspectiva também amplia o entendimento dos arquivos de criação literária. Eles podem assumir a forma material de cadernos, notas, questionários, diários, versões e documentos históricos, mas também se constituem por lembranças, experiências corporais, repertórios de leitura, entrevistas, registros etnográficos, objetos e práticas coletivas. Seguir esses vestígios significa reconhecer que uma obra não nasce em linha reta: ela se forma por retornos, desvios e reformulações, na relação entre o projeto imaginado e aquilo que a linguagem torna possível durante a escrita.

Os quinze artigos do dossiê percorrem esse campo heterogêneo por diferentes entradas. Para evidenciar os diálogos entre eles, entendemos que podem ser lidos a partir de quatro eixos interligados: processos de composição narrativa e fabulação; memória, escrita de si e formas epistolares; criação em zonas de fronteira entre gêneros, linguagens e mídias; e ensino, leitura e condições contemporâneas da produção literária. Recebemos muitos artigos alinhados com esse último eixo, o que demonstra também um campo que se estabelece a partir do surgimento do componente Escrita Criativa na Educação Básica.

No primeiro eixo, encontram-se trabalhos que tornam visíveis escolhas, materiais e procedimentos envolvidos na construção de narrativas. Em “Planejar o romance: apontamentos de um grupo de pesquisa e criação”, a experiência coletiva do Grupo de Pesquisa Escrever o romance: processos de criação na literatura brasileira contemporânea conduz a uma reflexão sobre as diferentes maneiras de antecipar uma narrativa longa. Ao confrontar práticas e depoimentos de escritoras, escritores e docentes, o artigo recusa a oposição rígida entre planejamento e improvisação: planos, esquemas e decisões prévias funcionam como hipóteses móveis, continuamente alteradas pelas descobertas feitas no próprio curso da escrita. A elaboração de um

questionário sobre planejamento literário oferece, ainda, um instrumento para sistematizar e comparar processos sem apagar sua singularidade.

Em “Caminho para o fim do mundo: a criação de um romance”, o percurso de elaboração da obra *Tinta da Bahia* articula pesquisa historiográfica, memória, poesia, epistemologias afrodiaspóricas, pensamento feminista negro e fabulação crítica. A construção da personagem-narradora Chica d'Água e da trajetória de Aziri Dagwa permite interrogar os silêncios do arquivo e as representações coloniais da mulher negra. A reflexão evidencia como voz, perspectiva, temporalidade e pesquisa documental se transformam em decisões estéticas capazes de deslocar imagens herdadas e restituir complexidade a sujeitos historicamente estereotipados.

“A ficção como antropologia pública do íntimo: da tese ao romance em um diário de fabulação etnográfica” acompanha outra passagem entre pesquisa e literatura: a transformação de uma tese sobre um centro de recuperação pentecostal em um romance em processo. Diários de campo, rascunhos e versões abandonadas permitem examinar operações como a passagem da descrição à cena, a criação de personagens compósitos, a mudança de focalização e a reorganização do tempo da pesquisa em enredo. Ao fazer nascer o narrador Ismael Ventura daquilo que “a seleção etnográfica deixou de fora”, o ensaio mostra que decisões éticas alteram a forma literária e que a ficção pode tornar perceptíveis tanto a narrativa quanto o silêncio produzidos pelo arquivo.

Também voltado aos procedimentos da composição, “Escrevivência como poética de processo: memória, ficção e composição narrativa em *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo” examina os contos “Olhos d'água”, “Maria” e “A gente combinamos de não morrer”. O artigo compreende a escrevivência como princípio formal que organiza enredo, focalização, personagens, tempo, espaço, oralidade e, sobretudo, a polifonia que dá conta de vozes silenciadas. Memórias individuais e coletivas não são apenas representadas: tornam-se matéria transformada pelo trabalho da linguagem.

O segundo eixo reúne textos nos quais memória, interlocução e escrita de si participam diretamente da criação. “Ensaio epistolar à escritora Djaimilia Pereira de Almeida” adota a carta como forma crítica e literária para estabelecer um diálogo entre leitura, experiência e escrita. Ao dirigir-se a Djaimilia Pereira de Almeida, o ensaio compõe fragmentos memorialísticos que interrogam os atravessamentos raciais, a formação da identidade e as condições de existência da mulher negra que escreve. A teoria não aparece exterior à experiência narrada; é mobilizada no próprio movimento de lembrar, elaborar e endereçar a palavra a outra escritora.

Em “Cartas que pensam: por uma epistemologia epistolar da escrita criativa”, a carta é examinada como lugar de produção do pensamento. Em diálogo com os estudos epistolares, a crítica genética, a epistemologia da complexidade e a escrita criativa, o artigo propõe a noção de epistemologia epistolar. A correspondência, enquanto gênero criativo, preserva hesitações, desvios, dúvidas e reformulações e, por isso, não se limita a testemunhar um processo já ocorrido: participa da criação conceitual e transforma a interlocução em condição do conhecimento.

“A arca, os livros e os cadernos azuis” também escolhe a forma epistolar, agora para aproximar ficção especulativa, argumentação e análise documental. Enviada do ano de 2178, a carta de Afonso Thômê a seu tetravô examina questões do Exame Nacional do Ensino Médio, de 2022 a 2025, relacionadas às tecnologias digitais e à inteligência artificial. A invenção narrativa funciona como estratégia estética e persuasiva, permitindo que o texto discuta criticamente os efeitos das tecnologias sobre leitura, educação, memória e produção do conhecimento.

“Mulheres com lágrimas nos olhos” nasce de ciclos da oficina “Frases longas não sovam pão: escrita criativa de receitas culinárias” e explora as aproximações entre mulheres e cebolas.

Camadas, cortes, lágrimas, receitas, lembranças familiares e referências literárias compõem um ensaio em que a reflexão se realiza pela própria experimentação com essas misturas. Ao mobilizar narrativas de si e léxicos culinários, o trabalho evidencia a potência dos objetos cotidianos como dispositivos de memória e criação e mostra como uma prática de oficina pode produzir repertórios, imagens e novas formas de escrita.

O terceiro eixo reúne trabalhos que situam a criação em territórios de passagem entre gêneros, linguagens e sistemas semióticos. “Escrever sobre o outro: formulando processos criativos de não ficção a partir do tensionamento do perfil jornalístico-literário” investiga o perfil como forma híbrida entre jornalismo e literatura. O processo criativo, nesse caso, começa antes da redação: manifesta-se na apuração, na escuta e na relação com a pessoa entrevistada, pois todas essas ações trazem uma perspectiva que sempre é subjetiva e criativa. Objetos, fotografias, mapas, percursos e exercícios de escrita são propostos como disparadores de memória, capazes de ampliar a entrevista e de tornar visíveis as mediações éticas implicadas na transformação de uma vida em texto.

“Entre o antigo e o encanto: tradução comentada do conto El pájaro de la verdad, de Cecilia Böhl de Faber (Fernán Caballero)” aborda a tradução literária como recriação. Fundamentado na teoria de Jiří Levý, o estudo comenta decisões relativas ao léxico, à sintaxe, à oralidade, às repetições e ao tom moralizante do conto. O desafio de aproximar a experiência do leitor em língua portuguesa daquela produzida pelo texto em espanhol revela a tradução como processo de escolhas, no qual preservar a alteridade histórica e cultural exige equilibrar expressividade, legibilidade e coerência estilística.

“Corpos, frutos e festas: processos criativos e as performances estranhas do poema no contemporâneo” desloca o poema para além da página ao analisar a performance poético-teatral *Festa Estranha*. Voz, corpo, cena, audiovisualidade e presença coletiva constituem realizações do poema que não se subordinam a uma versão definitiva. O trabalho acompanha as mutações da performance e compreende corpos, frutos e festas como dispositivos de criação de imaginários dissidentes. A obra aparece, assim, como processo vivo, transformado a cada execução e pela comunidade que se forma ao seu redor.

O quarto eixo volta-se ao ensino, à leitura e às condições materiais que atravessam a escrita no presente. “Imaginações do fim: imagens do fim do mundo em práticas de escrita criativa na educação básica” articula ensaio e relato de experiência para analisar contos produzidos por estudantes do ensino médio. A partir de uma sequência didática dedicada aos fins do mundo, o artigo entende a escrita criativa como espaço-tempo de imaginação e fruição, no qual a leitura, a discussão e a produção literária ampliam repertórios e permitem conceber outros mundos justamente quando se pensa aquilo que pode terminá-los.

Em “Marés de Memória: escrita criativa e literacia oceânica no contexto da Educação em Tempo Integral”, a criação de diários de bordo a partir do Bullet Journals reúne observação científica, experiência sensorial, desenho e narrativa. Desenvolvido com estudantes dos anos finais do ensino fundamental, o trabalho associa Língua Portuguesa, Geografia, Arte e educação ambiental articuladas na disciplina eletiva “Linguagem do Oceano: Memórias Narrativas pela Sustentabilidade”. A escrita converte registros de campo e saberes sobre o oceano em memória narrada, fortalecendo a autoria e vinculando aprendizagem, identidade e cidadania oceânica.

“A fenomenologia da leitura na escrita criativa” aproxima a Teoria do Efeito Estético de Wolfgang Iser, as proposições de Luiz Antonio de Assis Brasil e o processo criativo de Samanta Schweblin. Ao considerar que o texto prefigura um papel para quem lê, o artigo propõe utilizar a teoria da recepção em sentido inverso: não apenas para analisar efeitos, mas para iluminar decisões

de composição. A leitura deixa de ser uma etapa posterior à obra e passa a integrar o horizonte do fazer literário, mostrando a reciprocidade entre construção textual e participação do leitor.

Por fim, “A página como pontuação: escrita criativa e a gamificação dos royalties no Kindle Unlimited” examina as condições econômicas e tecnológicas que incidem sobre a autoria. Ao converter páginas lidas em métricas, remuneração e visibilidade, a plataforma reorganiza os ritmos de produção e transforma escrita e leitura em desempenhos mensuráveis. O artigo chama atenção para uma dimensão incontornável dos processos criativos contemporâneos: eles não se realizam fora dos sistemas de circulação, dos algoritmos e das formas de trabalho que condicionam a permanência de autoras e autores no mercado editorial digital.

Em sua diversidade, os artigos deste dossiê convergem ao tratar a escrita como prática situada e relacional. Criar implica ler e reler, pesquisar, escutar, recordar, selecionar, planejar, traduzir, testar formas e responder às condições éticas, históricas, pedagógicas, econômicas e tecnológicas de cada projeto. A obra pronta não apaga esse percurso: carrega, em sua forma, as decisões, tensões e possibilidades que a constituíram.

Ao reunir análises de obras, relatos de processo, proposições teóricas, experiências de ensino e textos que fazem da própria forma um método de investigação, o dossiê Escrita Criativa – teoria e processos procura contribuir para a consolidação de um campo em que a criação criativa – o sensível, o poético – e o conhecimento – a teoria e a crítica – convergem para um mesmo espaço. Esperamos que as páginas seguintes convidem à leitura dos textos e também à observação dos caminhos, arquivos, gestos e relações por meio dos quais a literatura continua a ser feita.